

“Geografias imaginárias”: as estradas aquáticas na (des) construção das representações estereotipadas do espaço da Pan-Amazônia

‘Imaginary geographies’: the aquatic roads in the (de) construction of the stereotyped representations of the Pan-Amazon space

“Geografías imaginarias”: las estradas acuáticas en (de) construcción de las representaciones estereotipadas del espacio Pan-Amazónico

Jefferson Henrique Cidreira

<https://orcid.org/0000-0002-7213-0125>

jeffersonhenriquecidreira@gmail.com

SEE, Rio Branco, AC

Josué da Costa Silva

<https://orcid.org/0000-0002-1295-822X>

jcosta1709@gmail.com

Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Porto Velho, RO

Resumo: O ensaio tem como tema as estradas aquáticas na fronteira MAP - Peru, Brasil e Bolívia, inserida na grande Pan-Amazônia, enquanto elementos cruciais para desconstruir representações de uma Amazônia vista como “inferno verde” e “isolada”. Para tal, utilizamos o transitar pelas fronteiras da Geografia, História, Literatura, Estudos Culturais e a Análise do Discurso para visibilizarmos o papel dos rios no processo de desconstrução dos discursos cimentados em cânones literários, *charges* e no imaginário social e cultural que se tem da região, a partir deles como lugar de trânsito, das relações sociais e com a natureza.

Palavras-Chave: Amazônia, Discurso, Representações sociais, Rios.

Abstract: The essay has as its theme the water roads on the MAP border in Peru, Brazil, and Bolivia, inserted in the great Pan-Amazon, while crucial elements to deconstruct representations of an Amazon seen as ‘green hell’, ‘isolated’. To this end, we used to move across the borders of Geography, History, Literature, Cultural Studies, and Discourse Analysis to make the role of rivers visible in the process of deconstructing discourses cemented in literary canons, cartoons, and in the social and cultural imagery that one has of the region, from them as a place of transit, of social relations, and with nature.

Keywords: Amazon, Discourse, Social Representations, Rivers.

Resumen: Este ensayo tiene como tema los caminos de agua en el MAP frontera en Perú, Brasil y Bolivia, insertos en la gran Panamazónica, encuanto elementos cruciales para deconstruir representaciones de una Amazonía vista como “infierno verde”, “aislada”. Para ello, solíamos traspasar las fronteras de la Geografía, la Historia, la Literatura, los Estudios Culturales y el Análisis del Discurso para visibilizar el papel de los ríos en el proceso de deconstrucción de discursos cimentados en cánones literarios, caricaturas y en el imaginario social y cultural que se tiene de región, de ellos como lugar de tránsito, de relaciones sociales, y con la naturaleza.

Palabras Clave: Amazonia, Discurso, Representaciones Sociales, Ríos.

INTRODUÇÃO

A Pan-Amazônia, como lugar de heterogeneidades, constitui as “Amazônias”, as quais têm sido um tópico muito presente na agenda das atividades científicas e acadêmicas em escala planetária. Os olhares de pesquisadores, teóricos espraíam-se pelas camadas discursivas as mais diversas possíveis: Cultura, Geografia, Literatura, historiografia, Filosofia, Antropologia, textualidades indígenas, corpos negros, falas brancas, diáspora, hibridismo, mestiçagem, fronteira, margem, deslocamento, entre-lugar, regional, nacional, global, dentre tantas outras vertentes de leitura e análise.

Para evitarmos uma discussão muito geral e abstrata, este artigo delimita como tema de pesquisa a figuração do outro na escrita literária que instituiu, forjou representações em relação a este lugar, de como o imaginário do outro reforçou e influenciou o discurso de constituição de uma identidade à Amazônia e foi o lugar fundador do mito de isolamento. A orquestração ideológica do seu lugar, assim como nos remete Bakhtin, onde a palavra, a enunciação, “não existe fora de um contexto social, portanto é ideológica” (Bakhtin, 1995, p. 16)¹. Aborda como foram construídas e cimentadas às figurações sobre a Amazônia, e, como surge em nós a vontade e arte cotidiana de representar novos olhares, desconstruir, escavar documentos oficiais, narrativas, textos canônicos e teóricos para (des) representar o imaginado é o ponto de partida deste ensaio. Além de representarmos o olhar do homem/mulher amazônico, sua relação “embrionária” com a natureza, seus valores, sentimentos (emoções, afetividades, etc.), motivações e percepções para entender a configuração do espaço pan-amazônico.

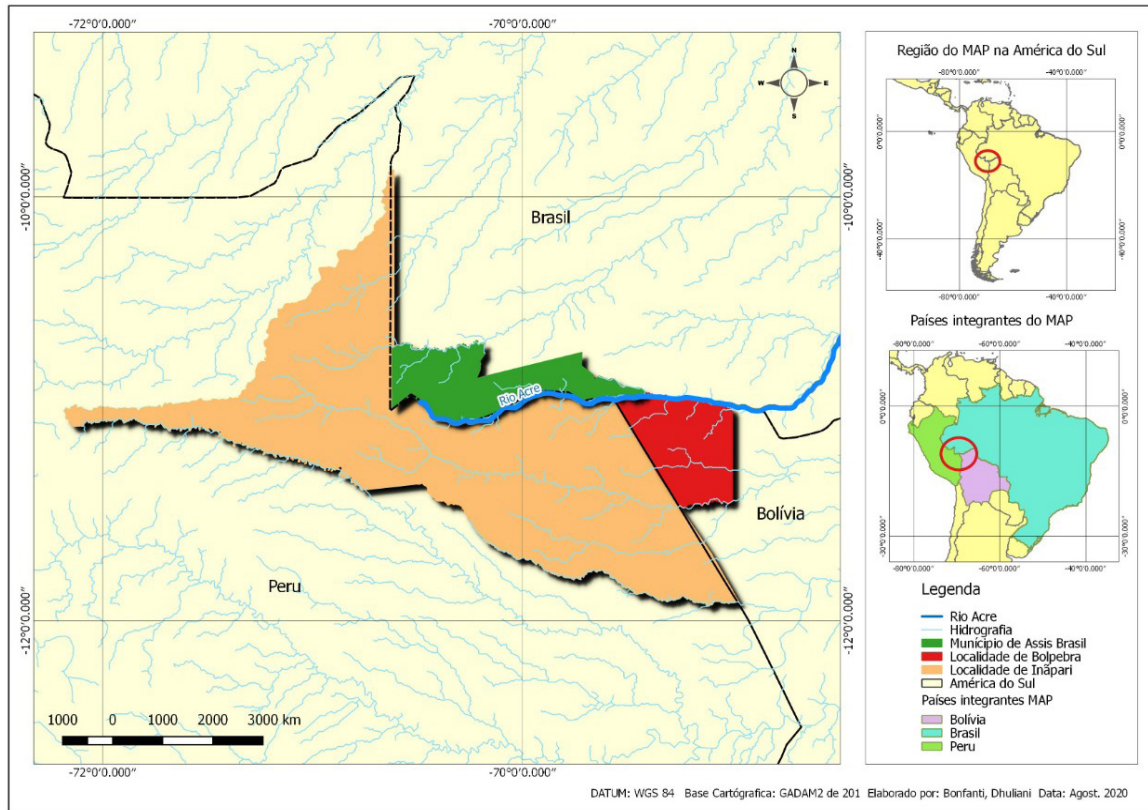
É necessário, desta forma, trazermos como perspectiva a ideia de descortinar as representações do ‘outro’, que, Conforme Bhabha (2008), ao observar e analisar os modos de vida, a cultura, e, logo, o espaço, emite suas percepções, suas representações erguidas em suas culturas de origem. Representações estas carregadas de juízos de valores que, por consequência, intervêm na compreensão do espaço, dos costumes e modos de vida diferentes.

Antes de darmos continuidade a essa discussão das representações de isolamento à Amazônia Sul-Occidental, ressaltamos que nosso recorte espacial se refere a Pan-Amazônia,

1 Conforme esclarece Marina Yaguello na introdução que faz à obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, do referido autor.

ou Amazônia Internacional, que compreende à tríplice fronteira entre Brasil (Assis Brasil, no estado do Acre), Bolívia (Departamento de Pando) e Peru (Iñapari, no Departamento de Madre de Dios), também chamada fronteira MAP (Fig. 1).

Figura 1: Mapa da Tríplice fronteira MAP entre Brasil, Bolívia e Peru.



Fonte: Bonfanti e Dhuliani, 2020.

Olhares de um outro lugar

Neste tópico, apresentamos um breve relato sobre a construção discursiva que se tem da Amazônia e como essa representação perdura por séculos no imaginário social, cultural e geográfico sobre o espaço amazônico. Partimos do pressuposto que a construção da ideia de uma Amazônia geograficamente isolada, vista como “inferno verde”, “deserto ocidental”, “exótica”, se deu através da formação de um complexo discursivo de objetivação da região, desde o século XVI, com viajantes, cientistas, comerciantes. Contudo, foi no século XX que essa figuração se tornou mais nítida.

Sem dúvida, os relatos de viagem do espanhol Frei Gaspar de Carvajal, entre fevereiro e setembro de 1541, referente à sua viagem à região, iniciam as representações simbólicas de uma Amazônia “misteriosa”, “fantasiosa”, “selvagem” e “bárbara” frente ao “civilizado” homem europeu. A partir de então, os discursos pejorativos sobre a região ganham forças, se disseminam sobre o imaginário social, cultural e geográfico amazônico.

Esse colonialismo representou muito mais que a violência física, representou a dominação simbólica, uma colonização e/ou dominação *epistemológica*, conforme elucida Santos e Meneses (2010, p. 11)

O colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual entre saberes que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e nações colonizados, relegando muitos outros saberes para o espaço de subalternidade.

Durante séculos perduraram representações fantasiosas sobre a Amazônia. Tais representações foram construídas por um imaginário europeu, eurocêntrico, que ‘modelaram’, construíram e instituíram representações de uma Amazônia desde o século XVI. Começa o apagamento e/ou abandono, como especifica Souza Lima (2014), das tradições, das línguas, crenças, culturas, saberes dos povos indígenas da Amazônia em direção à homogeneização cultural com o intuito de uma civilidade em detrimento das culturas nativas e, posteriormente, a ideia de um “progresso nacional”.

Essa visão, construída e forjada com o intuito de empregar processos civilizatórios, trazer a ‘modernidade’ e o ‘progresso’ à região amazônica, trouxe como pano de fundo os interesses econômicos que instituíram para a Amazônia uma identidade homogênea (Cidreira, 2015, p. 14)

Para Pesavento (2008) tais processos de representar o outro se estabelecem como uma espécie de construção da realidade a partir de parâmetros de sentido, do olhar do outro, sendo que a formulação das leis e de sua aplicação implica em instituições de saberes e práticas que participam de um processo de atribuição de significado ao mundo. E tais significados, tanto no campo da Geografia, História quanto no campo da Literatura, foram instituídos pelo olhar do outro – de outro lugar, com outra cultura – atribuindo ao território o significado de um lugar de isolamento.

Tais discursos proferidos durante séculos estão carregados de poder e interesses, na representação homogênea de um lugar de “atraso”, de “ruínas”, enfim, uma “terra sem história”, no meio do Brasil. Como nos afirma Hardman, analisando as obras *À Margem da História* e *Um Paraíso Perdido*, de Euclides da Cunha, referente à sua expedição de reconhecimento à Amazônia:

[...] das brutalidades antigas do processo civilizatório, na região amazônica, em vazio histórico, em fantasmagorias palidamente refletidas no percurso sinuoso e *tumultuário* desses ‘rios em abandono’ [...] fantasmagoria então projetada como ‘terra sem história’, ‘paraíso perdido’ ou paisagem remota no espaço e/ou no tempo, que permanece assim como simples rodapé [...] nessa ampla operação de esquecimento que, de todo modo, deixa rastros e ruínas [...]. (Hardman, 2009, p. 62)

Não obstante, por volta do final do século XIX até início do século XX, princípio do período republicano brasileiro, inicia-se uma prática que se tornou comum para silenciar os opositores do governo e/ou aqueles indesejados, o “desterramento”. Pessoas eram obrigadas pelas autoridades políticas a deixar o lugar onde moravam e, compulsoriamente,

integrarem grupos ou missões no Norte do território nacional. Tal prática se tornou mais evidente entre as revoltas populares, como a Revolta da Vacina (1904) e a Revolta da Chibata (1910). Para Silva (2010), a Revolta da Vacina representou bem o desejo de um modelo “civilizado” europeu a ser implementado no Rio de Janeiro, ligado ao processo de higienização da população de cortiços e sua remoção da paisagem carioca.

De acordo com Silva (2010), todos aqueles que eram vistos como marginais, indesejados, bárbaros frente a uma civilidade, aos bons modos e a uma implementação da *Belle Époque* francesa no Rio, tinham de sair do cenário carioca, pois impendiam os costumes e culturas civilizadas. Nessa lista, se encontrava os praticantes da capoeira, a mendicância, as meretrizes, os pobres, os negros e, até adversários políticos. A exemplo, os “revoltosos” marinheiros de 1910, que lutavam pelo fim de castigos corporais e melhores condições nos navios, além de serem considerados ameaça para o governo brasileiro, eram em sua maioria negros. Conforme elucida Silva (2010) a respeito do desejo dos governantes em desterrar os indesejados à República:

Importa menos aqui discutir se essas pessoas que foram desterradas eram de fato criminosas ou se tiveram participação na(s) revolta(s). A questão principal é que o governo mais uma vez, como em 1904, e agora em 1910, encontrou um ambiente propício para se desfazer de seus indesejados sociais. (Silva, 2010, p. 122)

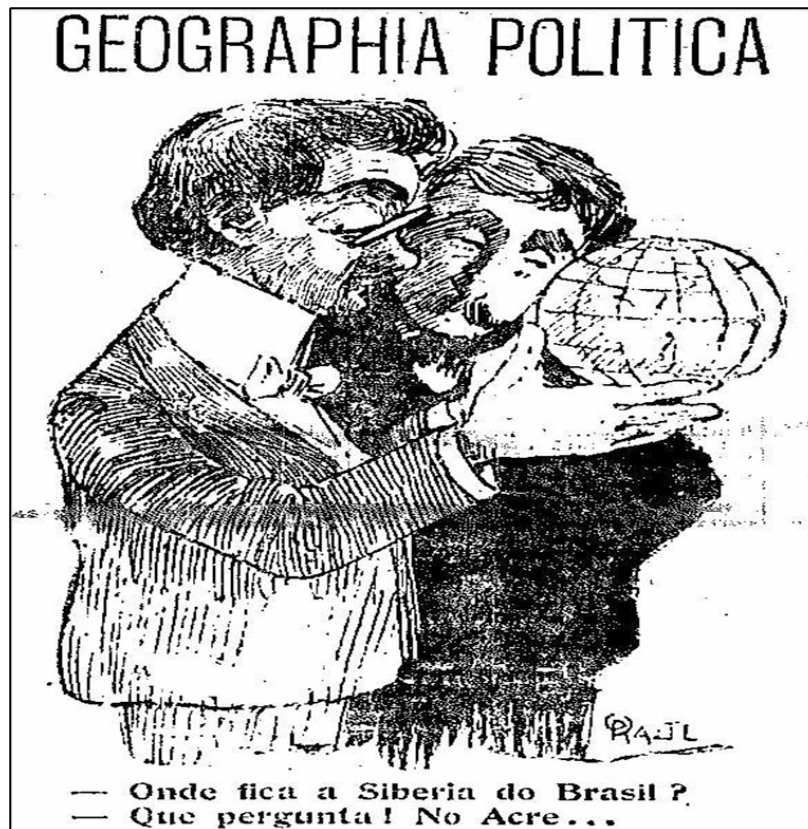
Essas formas de saber que foram colonizadas são maneiras cômodas de representação da Amazônia de atraso no imaginário cultural e social dos próprios brasileiros, de sua aceitação passiva e da reprodução discursiva dessas figurações. O que coaduna com o pensamento de Thompson (2009), autor cujo raciocínio teórico se ancora na arqueologia das variadas formas e manifestações de poder - Econômico, Político, Coercitivo e Simbólico, e dos recursos e instituições em que este se baseia, bem como nas relações sociais dos indivíduos. Nenhum desses poderes foi e será tão impactante quanto o Poder Cultural ou Simbólico, o qual “nasce na atividade de produção, transmissão e recepção do significado das formas simbólicas” (Thompson, 2009, p. 24).

É o poder simbólico que influencia e dissemina de maneira mais eficaz o que deve ser considerado o correto, o que intervém de maneira mais incisiva no curso dos acontecimentos, nas ações dos indivíduos, capaz de estabelecer com eficácia as bases de uma ideologia dominante. As ações simbólicas “podem provocar reações, liderar respostas de determinado teor, sugerir caminhos e decisões, induzir a crer e descrever, apoiar os negócios do estado ou sublevar as massas em uma revolta coletiva” (Thompson, 2009, p. 24), como observado para a Pan-Amazônia desde as expedições europeias até as expedições euclidianas na região, no início do século XX.

Portanto, é adequado exemplificar esta situação com os desterrados da República, os indesejados, que tinham em sua maioria como destino certo a Amazônia, principalmente a Amazônia Sul-Occidental. Neste lugar de insulamento e de desterro, a “Sibéria tropical” (Fig. 2) em alusão à Sibéria, lugar de desterrados para os criminosos, inimigos do governo russo, vieram trabalhar na Comissão Rondon ou na construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré todos os que fossem indesejados aos interesses do Brasil republicano.

“O governo cuidou de lhes proporcionar, naquellas regiões, o trabalho indispensável à sua subsistência” (Jornal do Commercio. *Os actos do estado de sítio*, de 28/maio/1911, ano 85, nº 147, p. 4, *apud*, Silva, 2010). A matéria conclui que foi ordenado “que a metade delles fosse entregue a Comissão Telegráphica 273 chefiada pelo coronel Cândido Rondon, que lhes daria serviço; e a outra metade à Companhia construtora da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré” (*Ibidem*). Essa visão está bem clara nas *charges* produzidas pelos jornais do Rio de Janeiro.

Figura 2: Charge do Jornal do Brasil. *Geographia política*, ano XIII, nº 334, 29/nov./1904, p.1.



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional- FBN

Na Figura 3 os marinheiros “reclamantes” estão sendo enviados, sem bilhete de volta, para trabalhar na ferrovia na Amazônia. Estava implícita a ideia de um lugar de desterro e castigo, que retomavam e/ou consolidavam ainda mais os discursos e as representações da Amazônia como um lugar temido, distante e de punição para aqueles que fossem contra o governo. Vemos a imagem do próprio “diabo”, como se fosse o dono, o habitante daquele inferno chamado Amazônia, o qual leva os “reclamantes” do governo, ou seja, os opositores, os indesejados, os boêmios, as meretrizes, etc.

Figura 3: Revista O MALHO. *Limpendo águas*, ano IX, nº 432, de 24/dez./1910, p.15.



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional- FBN.

Assim, a simbologia figurada ao espaço amazônico mexia com o imaginário do Rio de Janeiro, dos brasileiros e do mundo, com seus medos, o terror em ser mais um passageiro a uma viagem sem volta para a selva brasileira, conforme afirmou Silva (2010 p. 187):

A ida dos mal afamados 'reclamantes' era, nessa perspectiva, mais uma remessa de pessoas adequadas às características negativas do lugar para onde iam, conforme acreditavam as autoridades e parte da imprensa na época. Se os 'reclamantes' não se adaptavam às normas da cidade considerada moderna e aprazível, ao declamado progresso e à cultura da *belle époque*, o lugar mais indicado a eles seria exatamente as terras ditas 'incultas' dos 'sertões' ao norte do país.

A fundação do isolamento da/na Pan-Amazônia

adentramos nas especificidades dos *Estudos Culturais* e da *Análise discursiva* sobre as representações da região em textos coloniais e pós-coloniais. São textos, como já foi dito, que trazem uma visão do 'outro', e de relatos orais com a visão 'de dentro' da Amazônia que, para Santiago (2000), reconheçam, absorvam o texto do 'outro' e criem um entre-lugar.

Desta maneira poderemos desconstruir as representações cimentadas de cânones literários, partindo do lugar do homem/mulher amazônico, do seu olhar. Entretanto, outro questionamento nos surge, o que é algo novo em pesquisas amazônicas, qual a origem do "mito fundador" de isolamento da região?

De acordo com Foucault, em seu texto *O que é um autor?* (2001), há autores que fundam características tão marcantes que dão origem e/ou consolidam discursos. Portanto, trazemos como tese, no presente trabalho, a origem e/ou consolidação do discurso do "mito fundador" do isolamento da Amazônia em Euclides da Cunha (1975, 2000).

Euclides era engenheiro, republicano, defensor das ideias liberais e do progresso. A partir dessas perspectivas que refletem sua visão de mundo, e de sua viagem ao Purus, formulou umas das mais significativas análises sobre a região amazônica: “terra sem história”, “selvagem”, “rincão solitário” (Albuquerque, 2015). Nela, o homem amazônico está à mercê do rio e da natureza, um “Judas ahsverus”, condenado a não ter cultura e a nada produzir, isolado na imensidão daquele “deserto verde”, envolto de perigos.

Ele (**o homem**), de permeio com os preceitos vulgares para o reagir contra a temperatura alta, e a umidade excessiva que lhe abatem a tensão arterial e a atividade, lhe trancam as válvulas de segurança dos poros e lhe fatigam o coração e os nervos, criando-lhe, ao cabo, a iminência mórbida para os males que se desdobram do impaludismo que lhe solapa a vida, às dermatoses que lhe devastam a pele - despontam, mais eficazes e decisivos, os que o aparelham para reagir aos desânimos, à melancolia da existência monótona e primitiva; às amarguras crescentes da saudade; à irritabilidade provinda dos ares intensamente eletrizados e refulgentes; **ao isolamento** - e, sobretudo, ao quebrantar-se da vontade numa decadência espiritual subitânea e profunda, que se afigura a moléstia úniada de tais paragens, de onde as demais se derivam como exclusivos sintomas. (Cunha, 2000, p. 147, grifos nossos)

Euclides da Cunha deixou de herança esses ecos discursivos em outros escritores, tais como Bastos (1934), Rangel (2001), Costa (1974), Tocantins (1983; 2003), dentre outros, que continuaram a homogeneizar como se o vasto espaço amazônico, suas populações e culturas fossem iguais, isoladas. Logo, nossa proposta ampara-se em examinar o tema das figurações instituídas à Amazônia-e trazer estratégias discursivas que o descortine, que o subverta, que o negue. Tem como intuito compreender que tais construtos sobre a região eram carregados de interesses econômicos, civilizatórios e ideológicos. É importante mencionarmos, mesmo não nos debruçando aqui com maior rigidez, que esse isolamento geográfico material por muitos atribuído é causado também pelas distâncias das Amazônias para os centros de poder do território brasileiro. Contudo, nosso interesse é desnudar a ideia de isolamento total, que passa a ganhar sinônimo de “terra sem história”, “atrasada”, onde o “homem está destinado a não produzir cultura”.

Destarte, é nesse sentido que propomos a desconstrução das representações atribuídas de um lugar de isolamento, bem como analisar o rio como lugar de trânsitos, local de cultura, como gênese comunicativa e uma via e/ou elemento da desconstrução dessa representação. De como há uma relação íntima entre o homem/mulher amazônico e a natureza, um a resignificar a vida do outro, e a partir dessa correlação entender as percepções, os valores, os sentimentos que convidam o “homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social” (Dardel, 2011, p. 5).

Traremos à luz de nossas análises textos que reforçam a ideia de como a região é representada pelo olhar do outro, que constrói através do seu prisma, configurações geográficas, sociais, culturais. Tal como Said em *Orientalismo* (2001) nos faz compreender o

uso dos discursos para reforçar e construir representações frente ao outro, numa espécie de reflexão da imagem por meio do espelho onde se reforça sua superioridade.

(Des) caminhos: o rio e o processo de desconstrução do espaço amazônico estereotipado

Inserimos neste ensaio, Claude Raffestin, guardada as devidas diferenças teóricas e metodológicas com outros autores aqui citados, porém, visibilizando as relações de poder ao demonstrar como foram construídas essas representações à Amazônia. Raffestin (2008) elucida que os territórios constituem um mundo material percebido e se tornam a matéria-prima oferecida à imaginação, para que essa trabalhe e possa produzir imagens ou representações a serem manifestadas através de diversos tipos de linguagem. Assim, como observamos na linguagem literária de Euclides da Cunha e outros sobre a Amazônia, ou seja, representações imaginárias de acordo com percepções de mundo que cada indivíduo carrega.

Coaduna-se com esse pensamento o do geógrafo Paul Claval (1995), o qual destaca que a Geografia tem interesse em todas as formas de percepção dos lugares, de construção do outro e de fixação da fronteira entre nós e os estrangeiros. Observamos assim, a representação desses estereótipos negativos sobre a Amazônia, essa segregação espacial resultante de uma capacidade imaginativa de indivíduos e de culturas, ou seja, de uma imaginação geográfica.

Claval (1995) traz ainda, como contribuição, o diálogo com os estudos culturais, uma vez que a abordagem cultural busca entender as experiências dos homens no meio ambiente, compreender as significações que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas. Logo, a fenomenologia se impõe ao nosso processo (des)construtivo. Tal corrente, conforme Holzer (1998), reflete as vivências intencionais da consciência dos homens para saber como aí se produz o sentido dos fenômenos, dos construtos de uma representação literária do passado. Assim, não nega as representações e construtos do passado, mas aponta que há outros olhares, outras essências que partem da relação do ser e natureza.

A relação com a natureza que o ser humano estabelece é exatamente o que nos interessa compreender, de como o ser humano reage a ela e a partir de suas percepções, de como a influência e cria significados e simbologias (Dardel, 2011). Nele o homem é agenciado pelo ambiente geográfico: "ele sofre a influência do clima, do relevo, do meio vegetal. Ele é montanhês na montanha, nômade na estepe, terrestre ou marinho. A natureza geográfica o lança sobre si mesmo, dá forma a seus hábitos, suas ideias" (Dardel, 2011, p. 9).

Logo, da interação do homem com seu ambiente externo, ao reagir a ele, o influencia através de seus sentidos e pensamentos, elaborando novas concepções de entender o mundo. Essas nos interessam, as argúcias do homem/mulher amazônico na figuração do seu espaço.

O espaço para figuração dessa desconstrução é composto pelo rios da Pan-Amazônia. A geografia dos rios passará a ser nossa gênese à inserção dos meios de comunicação na região e é elemento crucial desconstrutivo das representações feitas ao espaço amazônico

por olhares alheios, com outros interesses, principalmente os vinculados à questão capitalista. Ainda, o rio aqui representou e representa lugar de encontros, onde as pessoas comercializavam, onde a vida acontecia, um lugar de trânsitos e de comunicação, e é através dele, que traçaremos uma continuidade para entender a inserção de outras vias e/ou meios de comunicação que reforçaram a desmistificação de tais representações externas. Dessa forma, a hidrografia figura de preponderante importância ao processo de desnudamento dessas representações, pois possibilita aos moradores dessa vasta região, os “povos da floresta”, se locomoverem, comercializarem, sobreviverem, enfim, “o rio comanda a vida”², ou pelo menos, permite que a vida seja concretizada.

O rio [...] símbolo dos símbolos, símbolo de experiências temporais, o rio é igualmente símbolo das experiências espaciais, pela contemplação (devaneante, poética dos homens) e a obtenção da sobrevivência, pois no rio: ‘O homem pesca a lida/ e seus milagres./ Aqui, fundou-se o tempo./ Aqui, lendou-se a idade’. Mas no rio também ‘o homem mais se pesca do que o peixe (...)’, ou seja, constrói com e a partir da interação com o rio sua identidade. Mas, se o homem se reconhece pelo rio, no rio que conhece na Amazônia: ‘A natureza e o homem se prospectam’, pois, do rio retira sua sobrevivência, no rio também encontra a morte, a incerteza do destino e o sentido da vida (Pereira, 2008, p. 184).

Durante muitos anos o rio teve esse papel primordial, principal caminho que permitia o transporte de todos os tipos de embarcações existentes na região, que permitia a comunicação com o restante do país. O rio também determinava o lugar das moradias, pois ele próprio era o ponto de entrada e saída.

Ele foi elemento norteador para o estabelecimento humano na região como nos elucidava Aziz Ab’Sáber em seu prefácio à obra de Dean, *A luta pela borracha no Brasil* (1989). Os núcleos humanos, amarrados a estratégicos fortes portugueses e missões religiosas, deixaram de ser colônias de apossamento, “estabelecendo projeções demográficas para todos os rios e igarapés da porção nuclear da bacia amazônica. Foi a grande diáspora meio índia e meio cabocla, na conquista do beira-rio” (Dean, 1989, p. 8).

O rio, em nossa análise, é sempre visto como um caminho, quer dizer, lugar por onde “as pessoas, de certa maneira, andam. O índio diz que o igarapé (pequeno curso d’água) é um caminho de canoa. Daí sua associação natural com a estrada e a rua [...], [ou ainda], ‘esse rio é nossa rua’, como reafirma Raul Bopp” (Loureiro, 1995, p. 122).

Para os sujeitos amazônicos as fronteiras são dissolvidas pela permeabilidade de seus trânsitos, ou seja, praticamente inexistentes. Neste espaço, lugar de encontros, de influência cultural, as fronteiras políticas se tornam líquidas, e as nacionalidades se dissolvem entre a sociedade de cada país, da mesma subsistência. O brasileiro aprende em contato com o outro, surge o ‘portunhol’, as relações de amizade, de cooperação e afetividade. Identidades são moldadas para além das fronteiras, das delimitações dos territórios dos três países inseridos na grande Pan-Amazônia.

2 Expressão utilizada pelo historiador Leandro Tocantins, a qual tornou título de uma de suas obras.

Contudo, o isolamento sempre foi uma das maiores simbologias atribuídas à Amazônia. Tanto que Leandro Tocantins, apesar de fazer uma análise fantástica sobre os rios em seu célebre livro *O rio comanda a vida* (1983), foi influenciado pelo discurso euclidiano e, em nenhum momento, trouxe à luz a desconstrução dessa visão da região. "Condenados a um terrível isolamento, os habitantes dessas circunscrições [...] um povo que se viu insulado do país e da própria comunidade de seu Território" (Tocantins, 1983, p. 111).

No entanto, seguindo Santiago (2000, p. 23), ao defender o papel do escritor latino-americano, "vivendo entre a assimilação do modelo original, isto é, entre o amor e o respeito pelo já-escrito, e a necessidade de produzir um novo texto que afronte o primeiro e muitas vezes o negue", nos apoderamos e harmonizamos os escritos de Tocantins para a libertação desse estigma de isolamento que os efeitos de verdade das epistemologias coloniais atribuem aos seres amazônicos e ao seu espaço. O rio como lugar de trânsito e de comunicação, não reduziu o espaço às suas determinações, mas aqui foi ressignificado para se libertar da "errância". "A natureza preparou a paisagem e o homem irá tirar proveito dela" (Tocantins, 1983, p. 86).

Os rios são as estradas naturais, permitem a mobilidade humana. Sem eles não haveria nada [...] Pelos rios navegam, num constante navegar, todos os tipos de embarcações, que trazem alimentos e utilidades, para as vidas implantadas na selva. Pelos rios se fazem as relações sociais importantes, porque, à beira destes estão os barracões dos senhores da terra, e, através dos rios, eles mantêm seus vínculos. Nos rios estão as esperanças de chegar e de sair [...] (Tocantins, 2003, p. 40).

Um novo discurso para a Pan Amazônia

Enquanto a origem do discurso de isolamento produzido sobre a Amazônia pode ser historicamente situada no texto do espanhol Gaspar de Carvajal, de 1541, coube a Euclides da Cunha, academicamente, a consolidação da ideia de isolamento do espaço amazônico a partir de sua expedição de reconhecimento ao Alto Purus, em 1905, e, posteriormente, a publicação do seu livro *À margem da história*.

Em pleno século XXI, que isolamento é esse que ainda vigora no imaginário social e cultural da população de outras regiões do Brasil, da ideia da Amazônia Sul Ocidental e, adjacentes, a fronteira com Peru e Bolívia, inseridas na grande Pan-Amazônia, serem vistas como o inferno verde, fim do mundo e outros estereótipos ainda presentes em seus discursos? Quanto serão ainda seus habitantes vistos por olhares alheios não mais como prisioneiros de um isolamento natural, quando são seres que se apropriam dos elementos naturais e do fazer cotidiano para a subversão e/ou desconstrução desse isolamento, para sua libertação desse estigma, das adversidades impostas pela natureza, que em nenhum momento serviu de barreira para a vivência, suas emoções, a produção cultural, a felicidade.

O amplo espaço amazônico é parte de suas vidas, com fronteiras territoriais permeáveis. Lá, diante do espaço, o homem inserido na natureza, se perde, se mistura entre iguais, independente da nacionalidade, num toque suave da brisa, dos raios de sol, das

árvores, da fauna, dos rios, enfim, da natureza gigantesca, influência recíproca, significando um ao outro. São ações afirmativas para se libertar dos estigmas, das representações estereotipadas, da arte cotidiana, como assevera Certeau (1998), para assim influenciá-la e “desenhá-la” com outro olhar através de suas percepções, do seu lugar, que deixa claro que não há uma superação, tanto no meio acadêmico quanto nos moradores de outras regiões, como Sul e Sudeste em relação à Amazônia.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, Gerson R. de (2015). História e historiografia do Acre: notas sobre os silêncios e a lógica do progresso. *Tropos: comunicação, sociedade e cultura*, 1-19. Recuperado de <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/342>.
- Bastos, Abguar (1934). *Terra de Icamabiaba (romance da Amazônia)*. Rio de Janeiro: Hersen.
- Bhabha, Homi K. (1998). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Bakhtin, Mikhail (1995). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: HUCITEC,
- Certeau, Michel de (1998). *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes.
- Cidreira, Jefferson Henrique (2015). *Os meios de comunicação no Acre: E o (contra) discurso do desenvolvimento econômico nos anos 1970*. Rio Branco: EAC.
- Claval, Paul (1995). *A Geografia Cultural*. Florianópolis: Editora da UFSC.
- Costa, Craveiro (1974). *A Conquista do Deserto Ocidental*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Cunha, Euclides da (1975). *À margem da história*. São Paulo: Cultrix.
- Cunha, Euclides da (2000). *Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos*. Brasília, Senado Federal.
- Dean, Warren (1989). *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. São Paulo: Nobel.
- Dardel, Eric (2011). *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva,
- Foucault, Michel (2001). O que é um autor? In Michel Foucault. *Ditos e escritos - Estética, literatura e pintura, música e cinema* (v. 3). Rio de Janeiro: Forense Universitária
- Hardman, Francisco Foot (2009). *A Vingança da Hiléia - Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*. São Paulo: Ed. UNESP.
- Holzer, Werther (1998). *Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI*. 1998. Tese de doutorado em Geografia. Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, SP, Brasil.
- Loureiro, João de Jesus Paes (1995). *Cultura amazônica: Uma poética do imaginário*. Belém: CEJUP.
- Pereira, Mirlei Fanchini Vicente (2008). *Uso do território e território usado no sudoeste da Amazônia: Considerações a partir do sistema hidroviário. Anais do Simpósio de pós-graduação em Geografia do Estado de São Paulo / Seminário de pós-graduação em Geografia da UNESP, Rio Claro, SP, Brasil, 1/8*.
- Pesavento, Sandra Jatahy (2008). *Sociabilidade, Justiça e Violência: práticas e representações culturais no cone sul (século XIX e XX)*. Porto Alegre: Ed. UFRGS.
- Raffestin, Claude (2008). A produção das estruturas territoriais e sua representação In Marcos A. Saquet, & Eliseu S. Sposito (Org.) *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular.
- Rangel, Alberto (2001). *Inferno verde: cenas e cenários do Amazonas*. 5 ed. Manaus: Valer (edições do Governo do Estado).
- Said, Edward W. (2001). *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.

- Santiago, Silvano (2000). *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Santos, Boaventura de Souza, & Meneses, Maria Paula (2010). (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez.
- Silva, Francisco Bento da (2010). *Acre, a "pátria dos proscritos": prisões e desterros para as regiões do Acre em 1904 e 1910*. Tese de Doutorado em Geografia. Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, PR, Brasil.
- Souza Lima, Simone de (2014). *Amazônia Babel: línguas, ficção, margens, nomadismos e resíduos utópicos*. Rio de Janeiro: Letras Capital.
- Thompson, John B. (2009). *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes.
- Tocantins, Leandro (1983). *O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia*. Rio de Janeiro: J. Olympio.
- Tocantins, Leandro (2003). *Estado do Acre: geografia, história e sociedade*. Rio Branco: Tribunal de Justiça.

Data de submissão: 18/ago./2020

Data de aceite: 02/mar./2021